

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. XVI

1977

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Os pescadores poveiros nos «mares» de Aveiro

por MÁRIO AREIAS

Ao largo, mal enxergando o recorte da costa de Aveiro, pescadores, nos seus barcos, lançam as redes. São pescadores da Póvoa de Varzim, que vieram das suas praias, costa abaixo, até aos «mares» de Aveiro, fazer a «pesca do alto». Assim chamam à pesca de certas espécies piscosas, como seja a da pescada grande, a deliciosa «pescada do alto», no pregão das vendedeiras que a vendem aos apreciadores mais dinheirosos.

O facto, parecendo estranho aos menos conhecedores destas preferências piscosas, tem a sua razão de ser, atendendo a que certos peixes vivem em determinadas zonas para onde as correntes marítimas arrastam substanciais comedorias que os alimentam e engordam. É pesca «pela certa» quando esses pesqueiros se deslocam numa linha conhecida dos nossos homens do mar, pesqueiros que se encontram enraizados numa tradição geográfica, onde pais e filhos labutam desde tempos recuados.

Ainda muito distante da traineira, do barco de arrasto, do navio de grande calado, até do avião, que do cimo das nuvens espreita a mancha dos cardumes espapaçada no verde colorido do mar, muito antes desses meios técnicos usados hoje para descobrir o pescado, os homens do mar, por experiência própria e um tanto por intuição, lançavam-se para o largo, para ali ou acolá procurarem esta ou aquela espécie de peixe que maior rendimento lhes desse.

Os pescadores poveiros vinham até aos «mares de Aveiro». E em certas ocasiões chegavam a atingir a embocadura do rio Mondego, com a Figueira da Foz à vista, limite das suas incursões para o Sul na costa marítima portuguesa. Quando, porém, adregavam de abicar ao Norte, iam até à Galiza.

Até os barcos sardinheiros chegavam a vir pescar nas águas aveirenses. Tanto assim era, que o jornal *O Conimbricense* de 10 de Novembro de 1896 dava a seguinte notícia:

«Em frente da costa de Aveiro o mar anda coalhado de lanchas poveiras; algumas destas têm entrado carregadas de sardinha.

As companhias da costa litoral têm arrastado nestes 6 dias 24 contos de sardinha. O mercado tem tido um movimento extraordinário».

Ainda no mesmo jornal se lê, em notícia dada pela *Gazeta da Figueira*, que se «continua a produzir regularmente a pesca da sardinha, e a safra, que este ano começou mais cedo, vai dando algum rendimento aos pescadores e abastecendo o mercado.

Na quarta-feira passada entraram mais três lanchas poveiras, que lançaram no nosso cais grande porção do saboroso e estimado peixe... Na quinta-feira entraram 7 lanchas que renderam 1.100\$980 réis...»

Como se infere deste noticiário, o pescador poveiro vinha de longe. Deixava a sua praia nortenha para, navegando à vela larga e às remadas vigorosas, vir procurar mais abundante peixe noutros mares. Eram, pois, muito conhecidos na costa de Aveiro.

Também o etnólogo Fernando Galhano, no seu artigo «*Ilhavenses, Murtoseiros e Ovarinos*», publicado n' *O Comércio do Porto*, de 28 de Julho de 1964, confirma que «os poveiros corriam o mar nas suas grandes lanchas, leves e largas, de vela latina triangular. Arribavam a Vigo quando o temporal os apanhava, e chegavam muita vez à Figueira e à Cova, e mesmo mais ao Sul, onde ficavam apenas o tempo de venderem o que tinham pescado, para logo voltarem à terra, para a sua tribo fechada e endogâmica».

A safra da sardinha era uma das mais importantes pescas do poveiro. Iam pescá-la, por vezes, bastante longe, noutros mares, noutras costas. «Janeiro rico», quando a safra era abundante, que se realizava entre os períodos que iam dos *Santos* (Outubro) à *Senhora da Guia* (Fevereiro). O «Janeiro rico» era a esperança do pescador, que, com o seu produto, pagava dívidas e cumpria promessas aos santos da sua devoção.

Grande esperança, sim, para o pescador quando «o mar vai branco». A sardinha espelha-se na superfície da água dando a impressão de largos e alvos lençóis a arrastarem-se ao sabor da corrente. «Bota ao mar» as redes!... Recolher depois a caça a abarrotar de peixe era uma das grandes alegrias do homem do mar.



Pescador poveiro do século XIX.

(Gravura de J. Pedroso publicada no *Arquivo Pitoresco*, vol. XI, Lisboa, 1868, pág. 197).

Actualmente, mediante os meios técnicos utilizados, já não se entregam a tão largas incursões, limitando-se, porém, à sua própria costa para a pesca do peixe mais miúdo.

Desapareceram assim os bojudos lanchões que, com uma tripulação de 30 a 40 homens, se viam sair para o mar, para voltarem dias depois, com as grandes velas escarlates inchadas pelo vento de feição, a recortarem-se na linha do horizonte.

Na praia da Póvoa encontravam-se há poucos anos apenas duas lanchas pequenas a apodrecer, restos de uma grande frota. Uma, mediante alguns remendos, está a aguardar espaço no Museu marítimo daquela terra de lidimos pescadores. A outra, por já não se poder salvar, foi reduzida a cavacos, vendidos a peso para acender as lareiras nas casas dos pescadores.

O que se vê hoje, portanto, no mar da Póvoa? Pequenos barcos, amostras minguadas do que foram os grandes lanchões, que nem à vela, por vezes, se deslocam. O trepidar de pequenos motores *out-board* quebra a monotonia do marulhar das ondas e espaçam-se no areal da praia. Tais motores aplicados fora de borda a esses pequenos barcos, causam-nos uma impressão tão desagradável como se vissemos uma perna de pau num velho e musculoso pescador. Aleijões ocasionados pela cilindragem do tempo que, mecanizando-se, leva tudo de roldão, espezinhando a tradição, usos e costumes.

Os tempos da Nau Catrineta já vão longe e cada vez mais se afastam. Hoje, a gesta marítima só se encontra nos livros. Sim, porque a vida arrojada desses pescadores, quer fossem poveiros, quer fossem oriundos doutras praias lusitanas, foi uma verdadeira gesta, donde saíram muitos heróis, cujos nomes não figuram nas páginas de ouro dos calhamaços locais, heróis obscuros que perderam a vida na labuta da subsistência das suas famílias, arrancando ao mar aquilo que ele tão avaramente guarda.

Vimos às colunas do prestigioso *Arquivo do Distrito de Aveiro* para dizer algo dos pescadores poveiros de antanho, que se aventuravam nos mares distantes. Seguiam uma linha de tradição que se perdeu.

Os da geração moderna, embora arrojados, encontram-se afastados da ética antiga, que o verniz do modernismo não favoreceu.

— Isto agora está tudo virado! — dizem os velhos pescadores. E, de facto, têm razão.

Nutrimos imensa simpatia e carinho pelos pescadores em geral, que, por herança, nascem, vivem e morrem pescadores.

E especialmente pelos poveiros, porque descendemos deles. Embora nunca fôssemos ao mar, éramos frequentadores da sua praia, onde acorriamos para os ver lutar, quando abicavam à praia entre o estrondear das ondas.

Quantas vezes assistimos, impotentes e cheios de pavor, às maiores tragédias! Barcos, que ao demandarem a barra, eram voltados por ondas alterosas, atirando com os seus tripulantes pela borda fora. Uns, a braçadas vigorosas, adregavam alcançar a praia. Outros, mais fracos, não mais chegaram. O «profundo» engolia-os para sempre.

Mulheres casadas que se tornavam viúvas naqueles instantes de tragédia. Órfãos, eram às centenas. E nós a tudo isso assistimos. E ainda hoje nos lembramos com horror desses quadros de tragédia. Só de os recordar nos causam calafrios.

Fomos simples «labradores», como os pescadores chamam aos homens de terra, dando a este termo um sentido de desprezo.

— O que vindes cá fazer? Vosmecês que nada sabeis da arte do mar! Ide, «peixes de coiro», não sois da nossa classe— E assim mimoseavam todos os que se intrometiam na sua vida profissional.

Os «peixes de coiro» são o cação, a lixa, o peixe gato, a melga, etc., peixes de pele grossa e áspera, que eles consideram de má qualidade, quer para a venda, quer para o paladar. Ou então chamavam-nos «tarrineiros» (terrineiros), referindo-se certamente aos homens que andavam pelas ruas — os amoladores de tesouras e navalhas — a porem gatos de metal nas terrinas rachadas, profissão que no Norte era exercida por oriundos da vizinha Galiza.

Os pescadores de hoje já não chegam aos «mares» de Aveiro porque não têm necessidade de se arrostarem a tanto. Os barcos mecanizados procedem à faina com menos risco e maior proveito. O perigo encontra-se reduzido. Até mesmo os temporais, que os destroçavam às centenas, já não lhes metem tanto medo. As novas embarcações motorizadas encontram-se apetrechadas de modo a fazer-lhes frente. E ainda bem, porque a vida humana não tem preço, embora haja quem lhe não dê valor algum, sobretudo quando se trata da vida dos outros.

O pescador idoso, que já não está apto a fazer parte de companhias, pratica a pesca individual, limitando-se à pesca terrena (sempre com a praia à vista). Com o seu pequeno barquinho à remos, vai tirando do mar o pouco que ele lhe dá para viver mal e não morrer de fome.

Fora noutros tempos «rasqueiro» ou «sardineiro». Agora, com os seus 70 ou 80 anos, falto de forças, mas não de coragem, vê-se

«ticoneiro» (que usa redes de «ticum» para pescas mais leveiras) e anda em mares terrenos ou à «terra da pedra», para procurar nas pedras, junto à costa, o peixe que lá se abriga.

Nem com a «rasca» já poderá trabalhar. Com essa rede procurava as raias, as lagostas e os rodovalhos, pesca que lhe dava maior rendimento. Está velho. Poucas vezes poderá ir ainda ao mar. Os seus cabelos brancos e a sua cara encortiçada pela salinidade marítima atestam o tor de anos de labuta sobre as ondas. Vêem-se ainda alguns destes pescadores a deambular pela praia, como velhas carcaças de barcos fora de uso. São os últimos abencerragens. Sombras daqueles que foram os tão famosos pescadores poveiros.

Foi-se tudo pela água abaixo! Os «preceitos» de classe, a homogeneidade do núcleo, os seus usos e costumes, e até os próprios homens!...

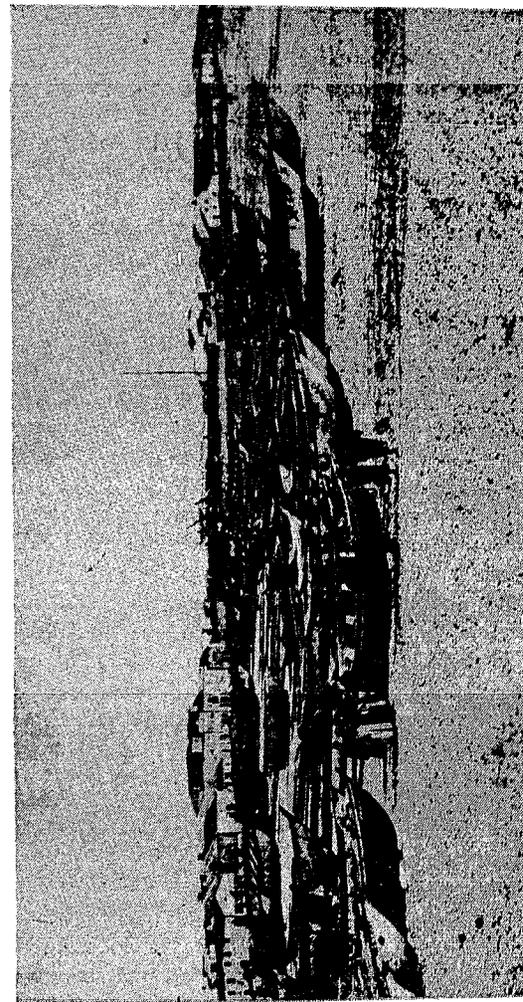
A que chamavam eles «mares» de Aveiro? É o que vamos tentar explicar, visto que se tratava de zonas mal definidas. Conhecidas apenas por tradição, e que hoje se encontram totalmente perdidas por não serem utilizadas pelos pescadores nas condições em que anteriormente o faziam.

Esses «mares» estavam compreendidos na zona de caça e de pesca por eles habitualmente frequentada e que ia do noroeste do Mondego até ao «mar dos galegos», em Espanha. O principal era o chamado «mar da cartola», frequentado pelo lanchão na pesca do goraz, peixes de coiro, pescada e outras espécies do alto. É, por assim dizer, um corredor de «limpo» (fundo sem pedras) onde as redes «volantes» se podiam lançar sem correrem o risco de serem arrastadas para o «profundo» (quebradas que duplicam a profundidade).

O «mar da cartola» tinha um ponto firme de referência denominado Baltar (monte à terra da Senhora da Hora, concelho de Matosinhos) por onde o pescador fazia o seu enfiamento, após o que lançava as redes procurando a zona para o Norte, à vista de Aveiro, e se a correnteza da água era muita podia levar o «aparelho» até ao noroeste do Mondego.

Se acontecesse que a correnteza o puxasse mais para o Norte, procedia então às seguintes demarcações: Baltar à ponta da Serra do Sul (entre Ovar e Aveiro) ou Baltar à ponta da Serra do Monte (ao Sul de Aveiro). Encontrado o «limpo» lançava as redes ou o «aparelho».

Se acaso fosse obrigado a desviar-se mais para o Norte, logo que perdia de vista a demarcação de Baltar, começava a aperceber-se da de Bastuces, que tirava o nome da freguesia do mesmo



Póvoa de Varzim — Barcos na Praia da Ribeira (cerca de 1910).

nome que, com as de S. Miguel da Carreira, Cambezes, Arentim e outras, dos concelhos de Barcelos e Braga, rodeavam um monte, utilizado como ponto firme de demarcação deste mar. E assim, sucessivamente, os mares seguiam-se até às costas da Galiza, onde se pescavam determinadas espécies de peixes.

Além dos «mares» criados pela terminologia poveira, dos quais o mais importante, ao longo da costa de Aveiro, era o «mar da cartola», existiam (e de certo existem ainda) grandes pedras isoladas no «limpo» ou elevadas da manta de pedra da costa (a «beirada de terra», como eles diziam), onde o «rasqueiro» procurava caçar raias, rodoválhos e outras espécies próprias das redes chamadas «rascas», de malha de 16 centímetros (medida de lado, nó a nó). E bem assim os «fanequeiros» da «roda de fora» (roda da faneca) que também procuravam aí lançar as suas «nassas» (armadilhas de rede) ou pescar à linha as fanecas e safios.

São cabeços de pedra que se encontram espalhados, uns junto à costa, outros bastante afastados, estes bastante perigosos para a navegação. Todavia o poveiro desde pequeno começava a conhecê-los pelos seus nomes, os quais se transmitiam de pai para filhos, com as mais variadas alterações, de modo que hoje é impossível conhecer a origem desses nomes tão curiosos.

Enunciemos alguns, dos muitos conhecidos, especialmente os que acompanham a costa de Aveiro até longe.

Entre Baltar, demarcação já referida atrás, e o «escarvado» (deve ser «escalvado», ponta baixa de uma serra despida de árvores, perto de Espinho), situa-se uma pedra chamada «a galega». No enfiamento «Baltar entre as Serras» (entre Ovar e Aveiro) aparece «o Rodrigo». «Baltar às Pedreiras» (pedreiras de Vila Nova de Gaia), «o cais» e «a fita do Maio», e assim por diante, numa infinidade de pedras, cujos nomes o pescador conservava retidos na memória e conhecia-os como as suas próprias mãos.

O pescador de linha que se especializava na pesca de peixes de grande fundo, como o congro, o cherne, o capatão, a pescada negra, etc., tinha que se dirigir para os mares do «profundo», que em geral ficam fora do planalto com alturas de água bastante irregulares, passando de 200 para 300 braças bruscamente.

Iam procurar esses fundos em toda a frente do «mar da cartola», que, como já dissemos, corria, em parte, ao longo da costa de Aveiro. Dava-se, porém, o caso de se afastarem de tal modo que deixam de ver as demarcações, não tendo assim marcas para se regular, porque os montes se «afundam na água», isto é, quando a linha da costa se deixava de ver. Recorriam então à sonda que lhes dava a altura e a pedra.

Os fundos também tinham as suas demarcações. Eis algumas: PROFUNDO DA QUEBRADA — Marca: *Leste a Oeste*: Bastuces à Quebrada; *Nordeste*: O monte a cair na água.

PROFUNDO DE LAUNDOS — Marca: *Leste a Oeste*: Bastuces à Laundos; *Nordeste*: Pargo, encobre não encobre. Etc., etc.

E assim por diante; estes «profundos» deslocavam-se para o Norte até à Espanha, sempre dentro dos limites da zona de pesca frequentada pelos poveiros.

A demarcação «Pargo, encobre não encobre» que se lê acima, quer significar que o monte Pargo (ao sul de Caminha) aparecia umas vezes, outras não, dependia da ondulação grossa do mar, deixar ou não deixar ver o monte como marca do «mar de Champaná». Um dos mares poveiros situado muito para o Norte.

Todos estes nomes, os mais variados possíveis, se conservaram na tradição oral do pescador poveiro. Hoje perderam-se, senão todos, pelo menos uma grande parte.

O pescador poveiro pertence a um dos núcleos pelágicos mais característicos do nosso litoral, com uma terminologia vocabular de grande riqueza etnográfica, e bem assim os seus usos e costumes são campo de muito húmus para etnógrafos.

Muitos emigraram para outros núcleos, acentuando-se a sua presença em Ilhavo e no Sul do país, sobretudo na praia da Quarteira. Tanto assim, que nesta praia usam-se termos e utensílios comuns aos dois núcleos, o que revela um contacto permanente durante muitos anos.

É curioso, porém, que o barco poveiro, que pertence ao tipo clássico de embarcação de quilha, não foi adoptado pelos núcleos de pescadores do Sul, apesar dos contactos acima referidos.

No entanto, é usado em toda a costa Norte, desde Ancora até ao Douro. É uma embarcação leveira, e emprega-se em todas as pescas das águas costeiras, indo também ao alto, à pesca da sardinha.

Os barcos deste tipo são apropriados para varar em terra. Para os puxarem para riba usam uma espécie de berço rudimentar a que dão o nome de *carrão*, sobre o qual colocam o barco antes de começarem a puxar pelo cabo. Ou então fazem-no deslizar sobre rolos de madeira, depois de encebarem a quilha para facilitar o deslize.

Utilizavam mais estes rolos nos barcos de maior envergadura, por conseguinte mais pesados, como eram os lanchões do alto, embarcações de 45 palmos de quilha e de 40 homens de tripulação. Infelizmente já não existe nenhum exemplar deste género de embarcação, que há cerca de cinquenta anos era o luxo do pes-

gador de teres e haveres. Tanto assim, que os «mestres de lanchão» eram tidos como «homens de respeito» da classe, ouvidos e tidos em todas as questiúnculas que surgissem no mar.

O barco poveiro muito difere do barco aveirense, quer no formato, quer nas peças que o compõem. O *barco do mar*, assim denominado por poder ir à pesca do alto, e o da ria de Aveiro, são recurvos, reminiscência do barco indígena da Ibéria, que resistiu até hoje às transformações das artes náuticas de construção.

São dois tipos de embarcação muito curiosos, que definem não só zonas de pesca, como modos de pescar diferentes.

Arquivo do Distrito de Aveiro,
vol. 33, págs. 93-103.

ÍNDICES DO VOL. XVI

ÍNDICE DOS ARTIGOS

| | Págs. |
|--|--|
| <i>Periódicos Poveiros na Biblioteca Pública Municipal do Porto</i> | Agostinho Araújo 5 |
| <i>Fomento Rural na Estela (Fins do Século XVIII — Principios do Século XIX)</i> | Luís A. de Oliveira Ramos ... 27 |
| <i>Toponímia da Póvoa de Varzim (Continuação)</i> | Jorge Barbosa 43 |
| <i>O Clube Naval Povoense (esboço monográfico)</i> | João Carlos Leite da Mota 97 |
| TEXTOS E NOTAS | |
| <i>Intervenção na Assembleia da República</i> | Manuel Pires 145 |
| <i>Duas cartas de Rocha Peixoto para Oliveira Martins</i> | Francisco d'Assis d'Oliveira Martins 157 |
| <i>A questão operária na Póvoa de Varzim durante a I República</i> | Orlando Montenegro 173 |